

SOCIEDADE LÍQUIDA E LAÇO SOCIAL: A VISIBILIDADE COMO SUBSTITUTO DA EXISTÊNCIA

HIPÓLITO VALERIANO¹ M.D.Ph.D.

RESUMO

O presente artigo analisa as transformações do laço social na contemporaneidade a partir do diálogo entre a Psicanálise, a Filosofia e a Sociologia, tendo como referência as contribuições teóricas de Sigmund Freud, Jacques Lacan, Zygmunt Bauman, Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Arthur Schopenhauer, Søren Kierkegaard, Giorgio Agamben e Byung-Chul Han. Parte-se da hipótese de que a sociedade pós-moderna é marcada pela progressiva substituição da escuta pela visualidade, da palavra pela imagem e do reconhecimento simbólico pela lógica da exposição permanente. Inserido em uma cultura digital orientada pelo consumo, pela performance e pela hiperprodução de imagens, o sujeito contemporâneo passa a buscar no olhar do outro a confirmação de sua existência, transformando a visibilidade em valor social e a identidade em mercadoria. A análise demonstra que a modernidade líquida enfraquece os vínculos duradouros, favorecendo relações marcadas pela transitoriedade, pelo individualismo e pela precarização dos laços humanos. Ao mesmo tempo, a expansão dos dispositivos digitais de controle e autoexposição intensifica formas de subjetivação fundamentadas na estetização da vida cotidiana, na sociedade do desempenho e na captura do desejo pelos mecanismos do mercado. A partir da teoria psicanalítica, evidencia-se que a tentativa de eliminar a falta constitutiva do sujeito por meio do consumo e da busca incessante por reconhecimento produz novas modalidades de sofrimento psíquico, angústia e vazio existencial. Conclui-se que a sociedade contemporânea, ao privilegiar o olhar em detrimento da escuta, produz indivíduos cada vez mais visíveis e cada vez menos capazes de estabelecer vínculos significativos. Nesse cenário, a Psicanálise emerge como prática ética de resistência, reafirmando a centralidade da palavra, do desejo e da escuta na reconstrução do laço social e na preservação da singularidade subjetiva diante da lógica espetacularizada da existência.

¹Doutor em Saúde Pública, Universidade Universus Veritas Guarulhos - Univeritas UNG, M.D. Médico Cirurgião, Psychiatry SP/ Harvard Medical School, Mestre em Educação, Docente da Faculdade do Futuro Manhuaçu, MG Brasil.

Email: PhD.claudio@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7886898027926769>

<https://orcid.org/0000-0002-0803-1683>

Palavras-chave: Laço social. Modernidade líquida. Psicanálise. Subjetividade. Sociedade da visibilidade. Consumo. Desejo. Estética. Byung-Chul Han. Zygmunt Bauman. Jacques Lacan. Giorgio Agamben. Sociedade digital. Escuta analítica. Pós-modernidade.

ABSTRACT

This article examines the transformations of social bonds in contemporary society through an interdisciplinary dialogue between Psychoanalysis, Philosophy, and Sociology, drawing upon the theoretical contributions of Sigmund Freud, Jacques Lacan, Zygmunt Bauman, Michel Foucault, Friedrich

Nietzsche, Arthur Schopenhauer, Søren Kierkegaard, Giorgio Agamben, and Byung-Chul Han. The central hypothesis is that postmodern society is characterized by the progressive replacement of listening with visuality, of speech with image, and of symbolic recognition with the logic of permanent exposure. Embedded in a digital culture structured by consumption, performance, and the hyperproduction of images, contemporary subjects increasingly seek validation through the gaze of others, transforming visibility into a social value and identity into a marketable commodity. The analysis demonstrates that liquid modernity weakens enduring human bonds, fostering relationships marked by transience, individualism, and the precariousness of social ties. Simultaneously, the expansion of digital dispositifs of surveillance and self-exposure intensifies forms of subjectivation grounded in the aestheticization of everyday life, the achievement society, and the capture of desire by market mechanisms. From a psychoanalytic perspective, the attempt to eliminate the constitutive lack that structures subjectivity through consumption and the incessant pursuit of recognition generates new forms of psychological suffering, anxiety, and existential emptiness.

The study concludes that contemporary society, by privileging vision over listening, produces individuals who are increasingly visible yet progressively less capable of establishing meaningful social bonds. In this context, Psychoanalysis emerges as an ethical form of resistance, reaffirming the centrality of language, desire, and listening in the reconstruction of social ties and in preserving subjective singularity against the logic of spectacle and commodified existence.

Keywords: Social bond. Liquid modernity. Psychoanalysis. Subjectivity. Society of visibility. Consumption. Desire. Aesthetics. Byung-Chul Han. Zygmunt Bauman. Jacques Lacan. Giorgio Agamben. Digital society. Analytic listening. Postmodernity. Visibility culture. Self-exposure. Contemporary subjectivity.

TOPICO I

A contemporaneidade apresenta um paradoxo singular: quanto mais os indivíduos são expostos ao olhar coletivo, menos efetivamente existem enquanto sujeitos. A expansão exponencial das tecnologias de comunicação, das plataformas digitais e dos dispositivos de visibilidade não resultou no fortalecimento do laço social, mas em sua progressiva rarefação. O sujeito pós-moderno encontra-se imerso numa cultura da exibição permanente, onde a exigência de aparecer substitui a experiência de ser. Nesse contexto, pode-se afirmar que habitamos uma época marcada pela proliferação de homens que são, mas não existem; que ocupam espaços, produzem imagens, acumulam seguidores, consomem signos de status e reconhecimento, mas que permanecem alienados de sua própria condição subjetiva.

A análise dessa realidade encontra em Zygmunt Bauman um ponto de partida privilegiado. Ao formular o conceito de modernidade líquida, o sociólogo polonês descreve um mundo no qual todas as estruturas simbólicas anteriormente estáveis se dissolvem sob a lógica da fluidez. Relações, identidades, valores e instituições perdem sua consistência histórica para assumir formas transitórias e descartáveis. A liquidez não constitui apenas uma característica das relações sociais; ela converte-se em uma modalidade de existência.

O indivíduo contemporâneo é compelido a adaptar-se continuamente às exigências de um mercado que transforma tudo em objeto de consumo, inclusive os afetos e os vínculos humanos. O outro deixa de ser reconhecido em sua alteridade para tornar-se um produto disponível para satisfação imediata. Estabelecem-se conexões, mas não compromissos; encontros, mas não relações; contatos, mas não laços.

Essa dinâmica revela aquilo que Sigmund Freud identificou como uma das tensões fundamentais da civilização. Em sua reflexão sobre o mal-estar na cultura, Freud demonstra que a constituição da vida social depende da

renúncia pulsional. A civilização exige limites, adiamentos e a capacidade de suportar frustrações. Entretanto, a lógica contemporânea institui precisamente o contrário. O discurso neoliberal oferece ao sujeito a promessa de uma satisfação ilimitada, apresentando o consumo como solução universal para todas as faltas. Contudo, aquilo que o mercado promete eliminar é justamente o elemento constitutivo do desejo humano. Quanto mais o sujeito acredita poder preencher suas ausências por meio da aquisição de objetos, mais se depara com a persistência do vazio que o habita.

É nesse ponto que a contribuição de Jacques Lacan adquire relevância decisiva. Para o psicanalista francês, o sujeito emerge na linguagem e encontra-se estruturalmente marcado pela falta. O desejo não é orientado pela posse do objeto, mas pela impossibilidade de sua plena realização. Todavia, a sociedade contemporânea desloca essa problemática para o campo da imagem. A lógica do espetáculo transforma a constituição subjetiva em uma operação visual. O sujeito passa a buscar na visibilidade aquilo que outrora buscava no reconhecimento simbólico. Não se trata mais da pergunta "Quem sou eu?", mas da exigência incessante de ser visto. A máxima cartesiana "Penso, logo existo" parece ter sido substituída por um imperativo narcísico e imagético: "Mostro-me, logo existo".

As redes sociais constituem a expressão paradigmática dessa transformação antropológica. O sujeito digital vive sob a tirania do "Look at me" e do "Check me out". Sua existência parece depender da quantidade de olhares que consegue capturar. Fotografias, publicações, curtidas e compartilhamentos convertem-se em indicadores simbólicos de valor social.

A visibilidade torna-se uma forma de capital. O reconhecimento dá lugar à exposição. A palavra cede espaço à imagem. O ser é substituído pelo parecer. Trata-se de uma configuração subjetiva em que a identidade se constrói menos pela interioridade que pela performance pública de si.

Michel Foucault oferece instrumentos teóricos fundamentais para compreender tal fenômeno. A sociedade contemporânea não abandonou os dispositivos de controle; ela os aperfeiçoou. Se o panoptismo disciplinar do século XIX baseava-se na vigilância exercida por instituições, a era digital inaugura um regime em que os próprios indivíduos se oferecem espontaneamente ao olhar coletivo. O controle já não opera apenas de cima para baixo; ele é internalizado e desejado. O sujeito torna-se simultaneamente vigia e vigiado, espectador e espetáculo. A exposição deixa de ser uma imposição para tornar-se uma necessidade subjetiva. O olhar social converte-se numa instância reguladora da existência.

Nietzsche antecipou parte dessa crise ao diagnosticar o advento do niilismo decorrente da morte de Deus. A dissolução dos fundamentos metafísicos da cultura ocidental produziu um vazio axiológico que permanece caracterizando a modernidade tardia. Ausentes as grandes narrativas capazes de conferir sentido à existência, o indivíduo volta-se para substitutos contingentes. A busca por reconhecimento, consumo e visibilidade emerge como tentativa de compensar a perda dos referenciais transcendentais. Entretanto, tais substituições não produzem sentido duradouro, apenas intensificam a experiência do vazio.

Schopenhauer aprofunda essa crítica ao compreender a existência humana como expressão de uma vontade incessante e insaciável. Segundo sua perspectiva, toda satisfação é transitória, pois a vontade, uma vez momentaneamente saciada, produz imediatamente um novo estado de carência. A sociedade de consumo parece constituir a realização histórica dessa estrutura metafísica. O sujeito contemporâneo encontra-se permanentemente estimulado a desejar, adquirir e descartar. O mercado necessita da insatisfação contínua para reproduzir-se. A felicidade torna-se uma mercadoria prometida e eternamente adiada. Nesse sentido, a cultura contemporânea não reduz o sofrimento; ela o administra e o instrumentaliza.

A dimensão estética dessa realidade também pode ser examinada à luz de Schopenhauer. Se a experiência estética representava uma possibilidade de suspensão temporária da tirania da vontade, a indústria cultural converteu a

própria estética em objeto de consumo. A beleza já não conduz à contemplação; conduz à exibição. O corpo transforma-se em vitrine. A moda converte-se em linguagem social do prestígio. As marcas passam a funcionar como signos identitários. A estética deixa de ser experiência para tornar-se estratégia de posicionamento simbólico.

Por sua vez, Kierkegaard anteviu a angústia característica de uma existência incapaz de confrontar sua singularidade. O filósofo dinamarquês descreveu o desespero como a condição daquele que foge de si mesmo. Tal diagnóstico revela extraordinária atualidade. O sujeito contemporâneo parece incapaz de permanecer consigo mesmo em silêncio. A necessidade constante de conexão, exposição e validação indica uma dificuldade crescente de sustentar a própria interioridade. A angústia existencial é recoberta por um excesso de imagens, informações e estímulos. Contudo, quanto mais o indivíduo foge de si, mais intensamente encontra o vazio que procura evitar.

A reflexão de Giorgio Agamben permite compreender o horizonte político dessa transformação. Ao analisar os processos de captura da vida pelos dispositivos contemporâneos, Agamben demonstra como os mecanismos de poder operam através da administração das formas de existência. O sujeito torna-se progressivamente reduzido àquilo que o filósofo denomina vida nua, isto é, uma vida destituída de densidade simbólica e reduzida à sua mera funcionalidade. Os dispositivos digitais participam dessa captura ao organizarem modos de percepção, atenção e reconhecimento. A subjetividade passa a ser produzida, medida e administrada segundo critérios de desempenho, visibilidade e circulação. O indivíduo vale na medida em que aparece, circula e produz engajamento.

Nesse cenário, o laço social sofre uma mutação profunda. A relação fundada na palavra, na escuta e na reciprocidade é substituída pela lógica da imagem e da performance. A sociedade pós-moderna tornou-se eminentemente ocular. Tudo deve ser visto, exposto, fotografado, compartilhado e consumido visualmente.

A primazia do olhar produz uma hipertrofia da visibilidade e uma atrofia da escuta. Fala-se cada vez mais e ouve-se cada vez menos. Comunica-se incessantemente, mas raramente se estabelece diálogo. A proliferação dos canais de comunicação coincide paradoxalmente com o enfraquecimento da experiência genuína do encontro.

É precisamente nesse contexto que a psicanálise assume uma função ético-política singular. Enquanto a cultura contemporânea exalta a imagem, a psicanálise aposta na palavra. Enquanto a lógica neoliberal exige produtividade, desempenho e espetáculo, a clínica psicanalítica sustenta a escuta do sujeito em sua singularidade irreduzível. Não se trata de oferecer respostas prontas ou adaptar o indivíduo às exigências sociais, mas de possibilitar que sua verdade encontre condições de emergir através do discurso. A psicanálise permanece como um dos raros espaços onde o sujeito não precisa ser visto para existir; basta que possa falar e ser escutado.

Assim, a grande contradição da sociedade contemporânea consiste em produzir uma abundância sem precedentes de imagens simultaneamente à erosão dos laços simbólicos que sustentam a experiência humana. Quanto mais os sujeitos aparecem, menos se encontram. Quanto mais se mostram, menos se conhecem. Quanto mais procuram reconhecimento através da visibilidade, mais se afastam de sua própria verdade. A civilização do espetáculo transformou o olhar em mercadoria e a existência em performance. No entanto, nenhuma imagem pode substituir a densidade do encontro humano, nenhuma marca pode conferir sentido à existência e nenhum algoritmo pode ocupar o lugar do desejo.

A sociedade líquida possui olhos, mas perdeu os ouvidos. Ela vê, consome, cataloga, classifica e exhibe. A psicanálise, ao contrário, persiste na tarefa de escutar. Entre a tirania do visível e a ética da palavra, encontra-se talvez a última resistência possível contra o desaparecimento do sujeito. Pois a existência humana não se realiza no brilho efêmero da exposição, mas na possibilidade de inscrever sua própria falta no campo da linguagem, transformando o ruído das imagens em discurso e o isolamento narcísico em laço social. Somente aí o homem deixa de ser mera aparência para tornar-se,

efetivamente, sujeito de sua própria existência.

Tópico II: Byung-Chul Han, Estética, Desejo e Consumo

A reflexão de Byung-Chul Han acerca da sociedade contemporânea revela que o capitalismo tardio já não se sustenta prioritariamente pela repressão, como ocorria nas sociedades disciplinares descritas por Michel Foucault, mas pela sedução, pela transparência e pela exploração do próprio desejo. O sujeito pós-moderno acredita agir livremente quando consome, expõe-se ou produz incessantemente conteúdos sobre si mesmo, quando, na realidade, encontra-se imerso em uma nova forma de dominação extremamente sofisticada, na qual a liberdade aparente converte-se em instrumento de autossubjugação. O indivíduo não é mais coagido a obedecer; ele é incentivado a desejar aquilo que o próprio sistema necessita que ele deseje.

Nesse contexto, a estética assume uma centralidade sem precedentes. Se em outras épocas a beleza estava vinculada à contemplação, à experiência artística ou à busca filosófica pelo sublime, na contemporaneidade ela passa a integrar diretamente a lógica do mercado. Tudo deve ser estetizado para tornar-se consumível. Os corpos, os relacionamentos, os alimentos, as experiências, os espaços urbanos e até mesmo a subjetividade passam a ser organizados segundo critérios estéticos que favorecem a circulação, a atração e o consumo. O valor das coisas já não repousa em sua utilidade ou significado, mas em sua capacidade de despertar atenção e desejo.

Byung-Chul Han observa que a sociedade do consumo transforma o sujeito em empresário de si mesmo. Cada indivíduo converte-se simultaneamente em produto e publicitário de sua própria imagem. As redes sociais constituem a expressão máxima desse fenômeno. O perfil digital torna-se uma vitrine cuidadosamente elaborada onde o sujeito expõe versões idealizadas de sua existência. Não se trata apenas de comunicar experiências, mas de produzir uma narrativa visual capaz de gerar reconhecimento e validação. O imperativo contemporâneo não é simplesmente viver, mas tornar a vida visível. A existência precisa ser fotografada, compartilhada e curtida para adquirir valor simbólico.

Essa transformação produz profundas consequências para a dinâmica do desejo. A psicanálise, especialmente em Lacan, compreende o desejo como efeito da falta, como aquilo que emerge justamente da impossibilidade de completude. Entretanto, o capitalismo digital procura convencer o indivíduo de que toda falta pode ser preenchida através do consumo. Cada mercadoria apresenta-se como promessa de felicidade, realização pessoal ou reconhecimento social. Porém, a satisfação obtida é necessariamente efêmera. Uma vez adquirido o objeto desejado, surge imediatamente uma nova carência. O desejo deixa de ser uma força criativa e torna-se um mecanismo permanentemente mobilizado pelo mercado.

Tal fenômeno aproxima-se da análise de Schopenhauer sobre a natureza insaciável da vontade. Para o filósofo alemão, desejar é sofrer, pois toda satisfação é transitória e conduz inevitavelmente ao reaparecimento da falta. A sociedade de consumo transforma essa estrutura antropológica em princípio econômico. Quanto mais insatisfeito o sujeito estiver, mais apto estará a consumir. O mercado necessita da perpetuação da carência para assegurar sua reprodução. Assim, aquilo que em Schopenhauer constituía uma condição metafísica da existência converte-se, na contemporaneidade, em estratégia econômica e política.

A estética desempenha papel decisivo nesse processo. O consumo já não se organiza exclusivamente em torno dos objetos, mas das imagens associadas a eles. Compra-se menos aquilo que uma mercadoria é e mais aquilo que ela promete simbolizar. Marcas, roupas, dispositivos tecnológicos e estilos de vida passam a funcionar como signos de pertencimento e distinção social. O sujeito não adquire apenas produtos; ele consome identidades. Cada escolha de consumo transforma-se em uma declaração sobre quem se deseja ser diante

do olhar dos outros.

Nessa lógica, o corpo emerge como um dos principais objetos de investimento estético. Ele deixa de ser apenas um dado biológico para tornar-se projeto permanente de aperfeiçoamento e exposição.

Academias, dietas, procedimentos estéticos e a constante produção de imagens corporais revelam a transformação da aparência em capital simbólico. O indivíduo vigia a si mesmo, corrige-se continuamente e administra sua imagem como um empreendimento. O corpo converte-se em mercadoria visual destinada à circulação no mercado dos olhares.

Byung-Chul Han argumenta que essa cultura da positividade elimina progressivamente a negatividade necessária à constituição do pensamento e do desejo. A experiência do limite, da ausência, da espera e da contemplação é substituída pela exigência de desempenho permanente. Tudo deve ser rápido, acessível, prazeroso e imediatamente compartilhável. O tempo da reflexão cede lugar à instantaneidade da reação. O silêncio é substituído pelo fluxo contínuo de informações. A profundidade é sacrificada em favor da visibilidade.

O resultado é uma sociedade marcada por uma paradoxal pobreza existencial. Embora cercados por imagens, estímulos e possibilidades de consumo, os indivíduos experimentam formas crescentes de cansaço, ansiedade e vazio. A hiperestimulação não produz satisfação, mas esgotamento. O excesso de positividade não gera felicidade, mas fadiga. O sujeito contemporâneo encontra-se permanentemente ocupado em promover a si mesmo, sem conseguir responder à questão fundamental sobre o sentido de sua existência.

Dessa forma, a análise de Byung-Chul Han revela que a articulação entre estética, desejo e consumo constitui um dos pilares centrais da sociedade neoliberal contemporânea. O desejo é capturado, a estética é mercantilizada e a subjetividade converte-se em objeto de exposição permanente. A existência transforma-se em espetáculo e a identidade em produto. Na era digital, a antiga máxima cartesiana "Penso, logo existo" parece definitivamente substituída por outra fórmula, mais adequada à lógica do capitalismo das imagens: "Vejam-me, logo existo". Contudo, sob o brilho incessante da visibilidade, permanece a mesma falta estrutural que nenhuma mercadoria, nenhuma imagem e nenhum reconhecimento virtual são capazes de preencher. É precisamente nessa impossibilidade que a psicanálise continua encontrando o lugar do sujeito e a possibilidade de reconstrução do laço social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permite afirmar que a sociedade contemporânea atravessa uma profunda transformação na estrutura dos laços sociais, marcada pela substituição progressiva da palavra pela imagem, da escuta pela exibição e do reconhecimento simbólico pela visibilidade performática. A modernidade líquida descrita por Zygmunt Bauman produziu indivíduos inseridos em relações cada vez mais frágeis, transitórias e descartáveis, submetidos à lógica do consumo e à impermanência dos vínculos. Nesse contexto, o sujeito deixa de encontrar sustentação em narrativas coletivas, instituições duradouras ou referenciais simbólicos sólidos, passando a buscar na exposição de si e na validação do olhar alheio uma resposta para a angústia constitutiva da existência.

Freud já havia demonstrado que a civilização exige renúncias pulsionais e que o mal-estar é uma condição inerente à vida em comum. Entretanto, a cultura neoliberal e digital procura eliminar simbolicamente toda experiência da falta, oferecendo um ideal de satisfação permanente que jamais se realiza. Lacan aprofunda essa questão ao revelar que o desejo humano nasce precisamente da incompletude e da impossibilidade de alcançar uma plenitude definitiva. A tentativa contemporânea de preencher essa falta através do consumo, do espetáculo e da visibilidade produz apenas novas formas de alienação subjetiva. Quanto mais o indivíduo procura confirmar sua existência por intermédio da imagem, mais se afasta do encontro com sua própria

singularidade.

As reflexões de Nietzsche permitem compreender esse cenário como expressão de uma crise mais ampla dos valores. O desaparecimento dos grandes referenciais metafísicos deixou um vazio que passou a ser ocupado pelas promessas do mercado e pela ideologia do consumo. Contudo, os objetos consumidos não oferecem sentido, apenas satisfação passageira. Schopenhauer, por sua vez, fornece uma leitura particularmente pertinente ao demonstrar que a vontade humana é incessante e insaciável, fazendo da busca ilimitada por satisfação uma fonte permanente de sofrimento.

O capitalismo contemporâneo apropria-se dessa estrutura desejante, transformando a insatisfação em condição indispensável para a continuidade da produção e do consumo.

Kierkegaard já intuía que a maior forma de desespero consiste na fuga de si mesmo. A sociedade digital parece levar essa fuga ao extremo. Cercado por estímulos, imagens e conexões permanentes, o indivíduo contemporâneo encontra cada vez menos espaço para a interioridade, para o silêncio e para a reflexão sobre sua própria existência. A angústia, longe de ser compreendida como dimensão constitutiva da condição humana, passa a ser constantemente encoberta por mecanismos de entretenimento, consumo e autoexposição. O resultado é uma subjetividade marcada pelo esgotamento, pela dispersão e pela dificuldade de sustentar experiências autênticas de encontro consigo mesmo e com o outro.

As contribuições de Michel Foucault e Giorgio Agamben evidenciam ainda que a sociedade da visibilidade não representa apenas uma transformação cultural, mas também uma nova configuração das relações de poder. Os dispositivos digitais capturam a atenção, administram comportamentos e produzem subjetividades adaptadas à lógica do desempenho e da circulação incessante de informações. O sujeito torna-se simultaneamente consumidor e mercadoria, espectador e espetáculo, agente e objeto dos mecanismos de controle. Sua existência passa a ser medida por indicadores de visibilidade, aprovação e engajamento, reduzindo progressivamente a complexidade da experiência humana a métricas de reconhecimento imediato.

Nesse horizonte, as reflexões de Byung-Chul Han revelam a emergência de uma sociedade da transparência e da autoexploração, na qual os indivíduos acreditam exercer plena liberdade enquanto se submetem voluntariamente aos imperativos da exposição permanente. A estética converte-se em mercadoria, o desejo em combustível econômico e a identidade em produto de consumo. A máxima contemporânea deixa de ser "penso, logo existo" para assumir a forma de "vejam-me, logo existo". A visibilidade transforma-se em condição de pertencimento, e o olhar do outro passa a funcionar como critério de validação da própria existência.

Entretanto, é precisamente diante desse cenário que a psicanálise revela sua importância ética, clínica e política. Enquanto a sociedade contemporânea privilegia o olhar, a psicanálise sustenta a escuta. Enquanto o discurso neoliberal exige adaptação, produtividade e performance, a experiência analítica acolhe a singularidade do sujeito e sua relação com a falta. Em uma cultura cada vez mais ocupada em mostrar, a psicanálise insiste na necessidade de ouvir. Em uma civilização fascinada pela superfície das imagens, ela continua interrogando aquilo que escapa à representação e que se manifesta por meio da palavra, do desejo e do inconsciente.

Pode-se concluir, portanto, que a crise dos laços sociais não decorre apenas da evolução tecnológica ou das transformações econômicas, mas de uma alteração profunda na maneira como os indivíduos se relacionam com o desejo, com a linguagem e com a alteridade. A sociedade pós-moderna tornou-se extraordinariamente competente para produzir imagens, mas cada vez menos capaz de sustentar encontros. Possui olhos para ver, consumir e vigiar, mas perdeu, em grande medida, a capacidade de escutar. E talvez seja precisamente nessa perda que resida uma das maiores tragédias do nosso tempo. Afinal, o ser humano não se constitui apenas no olhar que recebe, mas, sobretudo, na possibilidade de que sua palavra encontre acolhimento no

campo do Outro. Somente quando há escuta, reconhecimento e laço simbólico é que a existência deixa de ser mera aparência e adquire a densidade própria da condição humana. Nesse sentido, frente à sociedade do espetáculo, da aceleração e da mercantilização da vida, a recuperação da escuta apresenta-se não apenas como uma exigência clínica, mas como um imperativo civilizatório.

GLOSSÁRIO

Alienação: Estado em que o sujeito se encontra afastado de sua própria condição existencial, experimentando uma ruptura entre sua realidade subjetiva e as determinações sociais, culturais ou ideológicas que orientam suas ações.

Alteridade: Conceito filosófico e psicanalítico que designa o reconhecimento da existência do outro em sua diferença irreduzível. Constitui elemento fundamental para a formação da subjetividade e para a construção do laço social.

Capitalismo de consumo: Modelo econômico e cultural baseado na produção contínua de necessidades e desejos, incentivando o consumo permanente de bens, serviços, experiências e símbolos identitários.

Civilização do espetáculo: Expressão utilizada para caracterizar sociedades nas quais a imagem, a visibilidade e a exposição pública passam a ocupar posição central na constituição das relações sociais e da subjetividade.

Desejo: Na psicanálise, força psíquica estruturada pela falta e orientada para objetos que jamais produzem satisfação definitiva. Para Lacan, o desejo é sempre desejo do Outro.

Dispositivo: Conceito desenvolvido por Michel Foucault e ampliado por Giorgio Agamben para designar o conjunto de práticas, discursos, instituições, normas e mecanismos que orientam, regulam e produzem formas de subjetivação.

Escuta analítica: Método fundamental da psicanálise, baseado na atenção à singularidade do discurso do sujeito, permitindo a emergência de conteúdos inconscientes por meio da fala.

Estética: Campo filosófico dedicado à reflexão sobre o belo, a arte e a sensibilidade. No contexto contemporâneo, refere-se também à transformação da aparência em valor social e econômico.

Falta: Conceito central da teoria lacaniana que designa a condição estrutural de incompletude constitutiva do sujeito humano. A falta é a condição de possibilidade do desejo.

Hipermodernidade: Período histórico caracterizado pela aceleração dos processos sociais, tecnológicos e econômicos, marcado pela intensificação do individualismo e da lógica do consumo.

Indústria cultural: Conceito desenvolvido pelos pensadores da Escola de Frankfurt para designar a mercantilização da cultura e a produção padronizada

de bens simbólicos destinados ao consumo de massa.

Interioridade: Dimensão subjetiva relacionada à reflexão, à consciência de si e à experiência singular da existência.

Laço social: Conjunto de vínculos simbólicos que unem os indivíduos em uma comunidade. Na perspectiva psicanalítica, constitui-se por meio da linguagem, do reconhecimento e da relação com o Outro.

Mal-estar na civilização: Conceito formulado por Sigmund Freud para designar o conflito permanente entre as exigências da vida social e a satisfação das pulsões individuais.

Modernidade líquida: Conceito desenvolvido por Zygmunt Bauman para caracterizar uma sociedade marcada pela fluidez das relações, pela instabilidade das identidades e pelo enfraquecimento dos vínculos duradouros.

Narcisismo: Investimento da libido na própria imagem ou no próprio eu. Em excesso, pode produzir dificuldades de reconhecimento da alteridade e empobrecimento das relações interpessoais.

Nilismo: Conceito associado à filosofia de Friedrich Nietzsche, caracterizado pela perda dos referenciais absolutos de sentido e pela crise dos valores tradicionais.

Outro (grande Outro): Em Lacan, instância simbólica representada pela linguagem, pela cultura e pelas estruturas sociais que precedem e constituem o sujeito.

Panoptismo: Modelo de vigilância analisado por Michel Foucault, no qual os indivíduos internalizam mecanismos de controle a partir da possibilidade permanente de serem observados.

Pós-modernidade: Período marcado pelo enfraquecimento das grandes narrativas explicativas, pela fragmentação cultural e pela multiplicidade de identidades e formas de vida.

Psicanálise: Teoria e método clínico fundados por Sigmund Freud, voltados para a investigação do inconsciente, dos processos psíquicos e das formações do desejo.

Sociedade da transparência: Conceito elaborado por Byung-Chul Han para designar uma cultura que transforma a exposição total da vida em valor social e mecanismo de controle.

Sociedade do desempenho: Categoria desenvolvida por Byung-Chul Han para descrever um modelo social no qual os indivíduos são permanentemente pressionados a produzir, competir e otimizar a si mesmos.

Subjetividade: Conjunto de experiências, percepções, desejos e significações que constituem a singularidade do sujeito em sua relação consigo mesmo e

com o mundo.

Sujeito: Na psicanálise, ser constituído pela linguagem e atravessado pelo inconsciente, marcado por uma divisão estrutural e pela impossibilidade de uma identidade plenamente unificada.

Vigilância digital: Forma contemporânea de monitoramento baseada na coleta, processamento e análise de dados produzidos pelas atividades dos indivíduos em ambientes digitais.

Visibilidade: Condição de exposição pública do indivíduo na sociedade contemporânea. Frequentemente associada ao reconhecimento social, ao consumo e à produção de identidade.

Vida nua: Conceito de Giorgio Agamben que descreve a redução da existência humana à sua dimensão biológica e funcional, desvinculada de sua densidade política e simbólica.

Vontade: Na filosofia de Arthur Schopenhauer, princípio metafísico universal e irracional que impulsiona todos os seres ao desejo constante, constituindo a origem do sofrimento humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? Tradução de Nilcéia Valdati. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. Profanações. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BYUNG-CHUL HAN. A sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

BYUNG-CHUL HAN. No exame: perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

BYUNG-CHUL HAN. A sociedade da transparência. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

BYUNG-CHUL HAN. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

BYUNG-CHUL HAN. Agonia do eros. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalheite. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização de Roberto Machado. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

KIERKEGAARD, Søren. O desespero humano: doença até a morte. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: UNESP, 2010.

KIERKEGAARD, Søren. O conceito de angústia. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.

KIERKEGAARD, Søren. Temor e tremor. Tradução de Maria José Marinho. Lisboa: Guimarães Editores, 2009.

LACAN, Jacques. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: mais, ainda. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e representação. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005. v. 1.

SCHOPENHAUER, Arthur. Metafísica do amor, metafísica da morte. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCHOPENHAUER, Arthur. Aforismos para a sabedoria de vida. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

TÜRCKE, Christoph. Sociedade excitada: filosofia da sensação. Tradução de Antonio Sidekum. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

LASCH, Christopher. A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Tradução de Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BIRMAN, Joel. Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Subjetividade em tempos de pós-verdade. São Paulo: Paidós, 2017.

SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SAFATLE, Vladimir. A paixão do negativo: Lacan e a dialética. São Paulo: UNESP, 2006.

KEHL, Maria Rita. O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

KEHL, Maria Rita. Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

SOLER, Colette. O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ŽIŽEK, Slavoj. Bem-vindo ao deserto do real. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. Violência. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

Referências Complementares para Fundamentação Teórica

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do

trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2012.

HARARI, Yuval Noah. 21 lições para o século 21. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TAYLOR, Charles. As fontes do self: a construção da identidade moderna. São Paulo: Loyola, 2013.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.